

SEMANA SANTA NA AMÉRICA PORTUGUESA: POMPA, RITOS E ICONOGRAFIA

Adalgisa Arantes Campos

Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, BRASIL.

1. Apresentação geral

Consideramos os resultados obtidos com o projeto de Pesquisa “*Pompa Barroca e Semana Santa na Cultura Colonial (séculos XVIII e XIX)*”, contemplado com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq¹.

Para elaborar a listagem no final do texto empregamos fontes manuscritas (de irmandades leigas e de ordens terceiras), impressas (livros piedosos e legislação diocesana) e também dados extraídos do Inventário de Bens Móveis e Integrados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sempre que possível as informações obtidas foram confrontadas com a observação direta dos acervos visuais remanescentes, sob a guarda de museus e templos. Inventariamos os rituais alusivos a Quaresma e Semana Santa na América Portuguesa, classificados conforme o calendário litúrgico e para-litúrgico. Reunimos e classificamos por temas imagens e grupos escultóricos de natureza processional, dando ênfase nessa oportunidade para a Procissão de Cinzas e do Triunfo, ambas já extintas.

O tema ultrapassa o sentido meramente religioso. Requer que façamos relações e comparações entre crença e sua manifestação, doutrina e vivência através da religiosidade leiga, pompa cerimonial, a cultura artística e material². Houve dinamismo na vida festiva da América Portuguesa, ainda que integrado na tradição da cultura barroca. O preparar-se para a Quaresma e Semana Santa foi fato cultural privilegiado, que culminava em datas especiais como a Quarta-feira de Cinzas, as sextas-feiras e domingas quaresmais, o Domingo de Ramos, a Semana Maior e nela o Tríduo Sacro (de Quinta-feira de Endoenças ao Sábado de Aleluia).

No mundo pré-industrial esse tempo qualificado espiritualmente suscitava demandas em termos de imagens, andores, alfaias e serviços: o trabalho de bordadeiras, costureiras, carpinteiros, escultores, entalhadores, armadores, pintores, músicos e pregadores³. Entre o XVII até meados do XIX houve crescente inflação dos componentes do cortejo ritual (andores, quadros vivos e devotos -

¹ Siglas: AEAM (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana); APNSC (Arquivo Paroquial de Nossa Sr^a da Conceição - Ouro Preto); APNSP (Arquivo Paroquial de Nossa Sr^a do Pilar - Ouro Preto).

² CAMPOS, Adalgisa Arantes. “Quaresma e tríduo sacro nas Minas setecentistas: cultura material e liturgia” in: *Revista Barroco*. Belo Horizonte, 17 (1993/6) 209-19.

³ Cf. aspectos técnicos in: QUITES, M^a Regina E. *A imaginária processional na Semana Santa em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Dissert. de Mestrado, Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

associados ou não em irmandades-), atestada pelo aumento associações de leigos que veneravam com particularidade a Paixão de Cristo e que deixaram testemunho através de obras culturais e procissões solenes.

O mecenato coube principalmente ao leigo devidamente organizado através das várias irmandades do Santíssimo Sacramento, Senhor dos Passos, Ordem Terceira do Carmo e de São Francisco e a própria paróquia, participação esta esclarecida através da documentação da fábrica da matriz. A Paixão, Morte e Ressurreição do Cristo gerou encomendas expressivas de objetos sagrados e de armações efêmeras.



Figura 1: Brasil, Bahia, Salvador, Capela da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência, sala dos santos (penitentes e via-sacra completa).

2. As Ordens Terceiras de São Francisco da Penitência

Na América portuguesa a difusão da espiritualidade franciscana foi feita pelas ordens conventuais, pelos eremitas, frades esmoleres da Terra Santa e do convento de Santo Antônio (Rio de Janeiro), visitantes diocesanos e pelos leigos. Teve-se então a transplantação de crenças, invocações e práticas voltadas à expiação, dotadas de programa iconográfico específico, influenciado pelas ordens regulares pertinentes.

Seguindo o costume, as ordens terceiras de São Francisco surgiram acopladas aos conventos das ordens regulares respectivas, com exceção das Minas

Gerais⁴. Nesta Capitania, com a proibição da presença do clero monástico, tais ordens apareceram dentro de capelas confrariais ou da igreja paroquial, estabelecendo-se em altar próprio ou em nicho emprestado⁵. Antes mesmo de edificarem seus templos, elas já seguiam o calendário festivo⁶.

Os terceiros compartilhavam de uma visão de mundo hierárquica, com afeição à pompa barroca e aos sinais visíveis da fé, que orientou os rituais nos primeiros tempos. Defenderam valores da religião tridentina, evitando-se inicialmente, na medida do possível, as contaminações culturais⁷.

Seus rituais se condensavam no tempo forte da quaresma, através dos exercícios espirituais (Inácio de Loyola) às segundas e quartas-feiras e de via-sacra às sextas-feiras. No Domingo de Ramos os confrades, em ato interno, recorriam ao salmo *Miserere mei, Deus* (Tem piedade de mim) e à disciplina feita pelo reverendo padre comissário, o que era ato típico de contrição (Sl 50, hebr. 51). Tomar disciplina significava observar os preceitos da Regra. Nos santos exercícios os irmãos meditavam sempre sobre um passo da Paixão de Cristo ou um dos quatro novíssimos do homem (a Morte, o Juízo, o Inferno e o Paraíso), acompanhado de salmo afim⁸.

Os leigos franciscanos celebravam ainda a Quinta-feira Santa ou de Endoenças (do latim *indulgentiae*) com sermão do Mandato, Lava-pés e Exposição do Santíssimo à veneração dos devotos; exercícios espirituais às segundas, quartas e sextas-feiras da quaresma; Sermão da Paixão e da Soledade na Sexta-feira da Paixão; a festa da padroeira (Nossa Sr^a da Porciúncula) em 02 de agosto; Quinquena das Chagas em setembro, a festa do Patriarca em 04 de outubro e aquelas referentes aos santos franciscanos. O calendário festivo articulava-se com o da Paixão e morte de Cristo, com aspectos da vida do padroeiro (Francisco) e dos santos leigos e, por isso, voltado para o reconhecimento dos pecados, ênfase no arrependimento, introspecção, mortificação da carne e expiação pública⁹. Ritos e práticas para purificação da alma, visando alcançar a salvação dentro da concepção exigente de Santo Inácio de Loyola e do *poverello*.

A maioria das cerimônias apresentava o mesmo conteúdo espiritual, isto é, a lembrança da morte (*memento mori*), da vaidade humana (*vanitas*), e do sacrifício à

⁴ Data da patente: Vila Rica (1746), Mariana (1748), Conceição do Mato Dentro (1757), Caeté (1783), Santa Bárbara (1805), Gaspar Soares (1818), Tejuco (1766), Vila do Príncipe (1782), São João del Rei (1740), São José del Rei (1820) cf. BOSCHI, Caio C. *Os leigos e o poder*. São Paulo: Ática, 1986, pp. 214-24.

⁵ RÖWER, frei Basílio. A contribuição franciscana na formação religiosa da Capitania das Minas Gerais In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. v.3, fasc.4 (1943): 972-82.

⁶ Cf. TETTEROO, frei Samuel. Subsídios para a história da Ordem III de S. Francisco em Minas In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 6, fasc. 2 (1947): 349-359; v.7, fasc. 2, 3 (1947): 333- 356 e 561-573.

⁷ Tinham perdido o ideal de Francisco cf. LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁸Cf. APNSC. *Ordem Terceira de São Francisco de Assis - estatutos, 1760*, cap. IV § 1 e 2.

⁹ Cf. sacramento da penitência Concílio tridentino sessão XXIV, caps. 1 a 9.

maneira do Cristo¹⁰. A procissão de Cinzas conteve esses três elementos, com tendência a enfatizar as aparências, fato barroco por excelência.

Os terceiros se preparavam espiritualmente através do noviciado, que culminava no rito solene da profissão. Seguiam a Regra franciscana, excetuando o voto de castidade e de clausura. Seus membros disputavam lugares principais em cerimônias, argumentando que não eram simples confraria ou o critério de antigüidade. Nas procissões iniciava-se com o menos graduado até atingir o mais importante: irmãos noviços, irmãos professos mais modernos, professos mais antigos, irmãos sacerdotes e por último os irmãos de Mesa¹¹. A hierarquia geral da ordem terceira era: Comissário geral (sede em Madri), Ministro provincial (Convento de Santo Antônio situado no Rio de Janeiro), Reverendo Comissário (jurisdição espiritual, era funcionário remunerado da ordem e irmão professo), irmão ministro (jurisdição temporal), vice-ministro, secretário, síndico, escrivão e tesoureiro, doze definidores, o irmão mestre de noviços e irmã mestra de noviças, irmão zelador e irmãos presidentes de ruas. Tinha-se ainda o vigário do culto divino, funcionário contratado. Esse conjunto hierárquico era distribuído em duas alas ¹².

O projeto espiritual e ideológico da ordem terceira demorou algumas décadas para se aclimatar nos trópicos, pois prendia-se a normas de comportamento mais rígidas, à necessidade da mortificação da carne (jejuns e abstinência em determinadas datas sagradas) e à penitência. No plano social, esses devotos mais ou menos abastados não se destacaram pela caridade e humildade, zelando, sobretudo, pelos interesses e carências dos próprios irmãos, parentes, amigos e benfeitores, os quais deveriam ser ajudados na necessidade, doença e morte.

¹⁰Cf. o sentido penitencial da iconografia da ordem 3ª franciscana cf. HILL, Marcos. “Fragmentos de mística e vanidade na arte de um templo de Minas: a Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Ouro Preto” In: *Revista do IAC/UFOP*. Ouro Preto, 2 (1994): 38-48.

¹¹ CAMPOS, Adalgisa Arantes. “A visão nobiliárquica nas solenidades do setecentos mineiro” In: *Anais do X Encontro Regional de História- ANPUH/MG*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 1996, pp. 111-122.

¹² Cf. APNSC. *Estatutos da Ordem 3ª de S. Francisco da Penitencia*, anos 1760 e 1820. caps. 11, 13, 15, 17 e 22.



Figura 2. Brasil, Minas Gerais, Serro, Museu Casa dos Otoni, andor dos Cardeais (ou andor da Regra).

2.1 A Procissão de Cinzas

Já no século XVII, os terceiros faziam com exclusividade a Procissão Cinzas em diversos lugares da América Portuguesa. Contaram com os estudos de Marieta Alves (Bahia) ¹³ e frei Adalberto Ortmann (São Paulo) ¹⁴. Em Salvador, capital da Bahia, em meados do oitocentos, eles chegaram a edificar a “casa dos santos”, dotada de 25 nichos para neles guardar os santos processionais; em São Paulo a “casa dos andores”, evitando-se assim estragos nas imagens que saíram em procissão por mais de dois séculos.

Do ponto de vista da cultura artística, a procissão de Cinzas sempre foi mais relevante que o ofício propriamente dito. Era feita com música, empregando por vezes a presença de quatro ou cinco coros¹⁵. A documentação dos terceiros revela despesas anuais expressivas com sermão, feitiço de tochas, cera (vela), olear perucas, pregos, alfinetes, taxas, latão, tecidos variados, pincéis, armação de

¹³ Cf. ALVES, Marieta. *História da Venerável Ordem 3ª da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia*. Salvador: Publicação da Mesa Administrativa, 1948. p. 103.

¹⁴ Cf. ORTMANN, frei Adalberto. *História da Antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo 1676-1783*. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1951. p. 131.

¹⁵ Cf. LANGE, Francisco C. *História da música nas irmandades de Vila Rica-freguesia de Nossa Sra. da Conceição de Antônio Dias*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura. ps. 202, 207-256 .

andores, vestimentas e alimentação (cartuchos de amêndoas) de anjos e consertos em geral.¹⁶

Na cidade de Salvador o cortejo saía pela primeira vez em 1649, passando por reformas em 1767, com a exclusão de várias figuras à trágica que, no entender da mesa diretora local, “*mais se prestavam à função de triunfo do que de cinza*”¹⁷. Em 1862 a procissão foi extinta, pois a ordem considerava vultuosos os gastos com a armação de treze andores, enquanto ao mesmo tempo edificava o asilo Santa Isabel e as catacumbas no cemitério público. Na cidade de São Paulo foi feita de 1686 à extinção em 1886; em Recife entre 1710- 1864, contando com 17 imagens ainda conservadas no Museu Franciscano de arte sacra daquela cidade. O fato é que a procissão fora considerada dispendiosa e espalhafatosa diante da racionalização em curso no oitocentos, defensora de uma contrição interiorizada e de formas rituais simplificadas.

Nas Minas a procissão de Cinzas alcançou meados do próprio século XX¹⁸. A disposição dos andores no cortejo, com os respectivos santos franciscanos, só modificou-se no século XIX, quando os terceiros de Ouro Preto (antiga Vila Rica) se abriram à participação de outras irmandades.

Na Procissão de Cinzas saíam originalmente os santos leigos (penitentes), a padroeira da ordem - Nossa Sr^a da Conceição -, cenas alusivas à vida do *poverello* e algumas extraídas do Gênesis, relativas à criação do homem, à desobediência e a punição de Deus através da imposição da morte (Gn 3, 19). Eram essas as invocações básicas do cortejo com o sentido pedagógico de mostrar ao devoto a narrativa da criação e da queda, o martírio e a redenção de Jesus, de suscitar nele uma reflexão sobre a morte corporal, a vaidade e transitoriedade de tudo que é mundano (Ec 1, 2, 3). Considerava-se a mortificação indispensável à salvação, como dissera o jesuíta Antônio Vieira: “*Todos nascemos para morrer, e todos morremos para ressuscitar*”¹⁹. O *memento mori* e a *vanitas*, temáticas tão frequentes nas pregações, práticas rituais e na ornamentação dos templos dos terceiros, apresentavam laços indissolúveis com a cerimônia de entrada na quaresma.

¹⁶ Cf. APNSC. *Avulsos – Receita e Despesas 1744-1816*.

¹⁷ Cf. ALVES. Op. cit. p. 194.

¹⁸ Cf. APNSC. *Ordem 3^a de São Francisco - Avulsos XX*. 31/01/1951; MENEZES, J. Furtado. Igrejas e Irmandades de Ouro Preto (notas de Ivo Porto de Menezes) In: *Publicações do Instituto Estadual do patrimônio Histórico e Artístico. Belo Horizonte*, 1(1975): 121.

¹⁹ “Semana de Quarta Feyra de Cinza, Em Roma: na Igreja de S Antonio dos Portugueses” In: *Sermões do Padre Antônio Vieira. Sermões do Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Anchieta, 1944. v. 1, pp. 1041-1118. cit. p. 128.



Figura 3. Brasil, Minas Gerais, Ouro Preto, Capela da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência, altar de São Luiz, rei de França, que saía em andor respectivo na Procissão de Cinzas.

Na Procissão de Cinzas de Vila Rica e, com inexpressivas modificações nas outras congêneres, estavam presentes em 1751: a cruz da penitência ladeada por dois círios, a morte (representada por pessoa com vestido dotado de pintura com esqueleto), a árvore da ciência (com uma cobra enrolada), Adão e Eva a trágica, um querubim com espada, a árvore da penitência (com espinhos e sem folhas), o rei penitente (Davi) e as duas salvas, os Inocentes (que morreram em Marrocos), o turco (o herege), o anjo defensor (do Paraíso) com sua lança, a cruz da Ordem, o andor da Ordem (Francisco recebendo as Chagas do Cristo Crucificado); os andores da Conceição, de São Francisco, da Cúria (São Francisco recebendo a confirmação da Regra por Honório III, ladeado por dois cardeais), de São Luiz (Rei de França), de Santa Isabel (Rainha de Portugal), do Amor Divino (São Francisco abraçando Cristo na cruz), de São Roque, de São Ivo, dos Bem Casados (São Lúcio e Santa Bona) etc.²⁰

E dentro desse escalonamento simbólico, aparecia o andor do Cristo Crucificado, finalizando o cortejo. Cada andor possuía quatro sanefas, complicados arranjos de tecidos sustentados internamente por varas de madeira formando montes, com destaque para o Alverne, nuvens, elementos caracterizadores da cena histórica ou da aparição sagrada.

²⁰ Em São Paulo a morte era representada por um negro que recebia uma pataca (cf. Ortmann. op. cit. pp. 114-5). A Ordem 3ª de Vila Rica possuía duas cobras, uma para o andor de Nossa Srª da Conceição, outra para a árvore da Ciência (cf. APNSC. *Livro 1º de Inventário dos bens e fábrica 1751-1802*).

Esta relação foi complementada com os andores de Santa Rosa de Viterbo e Santa Isabel (rainha de Hungria), acrescentados ainda na segunda metade do setecentos, conforme leitura do *Inventário de Alfaias 1751-1802*²¹. Constava também a presença de anjos, inicialmente 11 depois 21, cada um portando *cutelo de folha de flandres* na cabeça e placa de papelão explicativa “*Bandeyras com seus Letreyros que levão os Anjos*”²². No sobredito livro de Inventário, há lançamento de 12 hábitos com as cintas de cordas para os *santos mártires* ou inocentes (santos martirizados em de Marrocos), os quais portariam uma corrente de ferro com 12 colares.

Em Mariana, sede do bispado de mesmo nome, a Procissão foi feita dentro dessa disposição com certeza até 1944, conforme convite impresso dirigido aos fiéis. Neste, os confrades solicitam esmolas por não terem recursos suficientes para a “*composição e decoração dos andores e quadros*”. Observa-se que a ordem havia mantido a cerimônia até então, dentro de “*rigor estatutário*”. No século XX fica isenta da visão nobiliárquica tradicional, convidando irmandades de mulatos e crioulos.²³ As imagens dos santos penitentes ainda estão conservadas nos altares do templo.

Em Mariana seguia-se o calendário dos terceiros franciscanos, as cerimônias na forma do *Ceremonial Romano*. Contudo, na Quinta-feira Santa, findo o lava-pés com sermão do Mandato, poderia fazer ainda procissão com os Sete Passos da Paixão, quatro deles ainda existentes na sacristia, certamente inspirada nas ordens regulares²⁴.

A congênera de São João del Rei apresentava na composição do cortejo elementos mais escatológicos, essencialmente macabros, tais como a ampulheta, duas figuras sustentando bandejas com cinzas, caveira e ossos e representação alegórica do “desprezo das vaidades”, segundo descrição de 1781²⁵. Uma outra figura levava uma árvore de espinhos, sem folhas, com dois cilícios, disciplinas ou correias para açoites e livrinho²⁶.

Durante o século XVIII mineiro, o número básico de andores se manteve em torno de nove a onze. A referida estruturação recebeu acréscimos em fins do setecentos, quando os leigos franciscanos convidavam outras irmandades e até os terceiros carmelitas para participarem com o respectivo andor²⁷. A integração, na mesma vila, dos pardos de S. Francisco de Paula e de outras irmandades de cor

²¹ Cf. APNSC. *Ordem 3ª de São Francisco de Assis. Inventario de Alfaias - 1751-1802*.

²² Cf. APNSC. *Inventário de Alfaias...* fls. 2, 4 a 6.

²³ OURO PRETO, CASA DOS CONTOS, *Procissão de Cinzas- 1944*. Rolo 031, vol. 294, período 1937 a 1962.

²⁴ AEAM, *Estatutos da Ordem 3ª de São Francisco de Mariana*, capítulo 41, parágrafos 5-8, Livro Q31: “querendo farão a procição com os sete passos da Payxão do Senhor, por estar introduzida nesta nossa congregação”, ao recolher da qual se faria o sermão respectivo.

²⁵ Cf. CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, v. I, pp. 70-71. Tal livrinho certamente representava o manual denominado *Palestra da Penitência*.

²⁶ A procissão em Mariana foi realizada pela primeira vez em 1759, cf. imagens arroladas por TRINDADE. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. pp. 176-8.

²⁷ Cf. TRINDADE, Raimundo. *São Francisco de Assis de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1951. pp. 113-4.

mostrava, décadas depois, o abrandamento dos padrões culturais de feição aristocrática e a possibilidade de trocas culturais mais freqüentes.

Na América portuguesa a tendência assumida pela procissão de Cinzas foi no sentido de inflacionar o número de imagens, andores e figuras vestidas à trágica, o que resultava em uma composição caótica, comprometedora inclusive da intenção original de desbastar a vaidade, demonstrar que somos pó e ao pó retornaremos. O montante de santos ultrapassou o hagiológico franciscano, mostrando aquela inclinação declarada para difundir para as massas o ritual antes restrito a um grupo social privilegiado.

No oitocentos, as ordens terceiras tornaram-se flexíveis, abrindo-se para segmentos socialmente diversos. Passaram a aceitar a associação de mulatos e presença deles na própria Procissão de Cinzas. A manifestação da popularização do culto teve ressalva de Jean-Baptiste Debret, que a considerou procissão de “prestígio” entre o povo, mas ao mesmo tempo “ridícula”²⁸. O olhar ilustrado do artista francês destacou a variedade e popularidade da composição do cortejo, o peso dos andores, a fadiga, o caráter penoso para os participantes e ainda o espalhafatoso da pompa inerente ao barroco, já em estado residual. A percepção de ridículo confirma a interpretação mais pragmática de Debret.

A tendência a vulgarizar o rito, desencadeada em diversas partes da Colônia em fins do setecentos e/ou inícios do século XIX, e como decorrência imediata o crescimento desmedido do cortejo, foi observada por Marieta Alves em Salvador, e por Debret no Rio de Janeiro. Constituía maneira de incorporar fiéis de condição humilde, que não eram confrades das ordens terceiras, mas eram devotos de Francisco, certamente por isso a procissão teve prestígio entre os setores populares.

Nos acervos provenientes de terceiros franciscanos são abundantes os crucifixos, a representação da palma do martírio, cravos, disciplina, cilícios, chicotes, ampulhetas, crânios, rosário, atributos para ajudar na penitência e na santificação. Domina a imagem de roca, rica em detalhes e materiais, envolvendo roupas, peles de carneiro, perucas, sapatos, cabacinha, cachorrinho, caveiras, dentre outros atributos. Na Procissão de Cinza, pessoas representavam Adão e Eva, revestidas de peles ou folhas; a morte trazia vestimenta com estampa de esqueleto e portava uma foice e os anjos sustentavam cartelas com frases explicativas da passagem em questão. Tudo isso dava uma feição naturalista e materializada à experiência religiosa. A devoção se manteve afeita a representações bastante realistas.

3. Ordens Terceiras do Monte Carmelo e culto da Paixão

²⁸ DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte: Itatiaia. 1978. v. II.

As ordens terceiras de Nossa Sr^a do Carmo também deixaram importante colaboração no tocante aos ritos. No litoral luso-brasileiro seus templos aparecem anexos aos das ordens monacais respectivas. Eram compostas por membros importantes, em geral não aceitavam irmãos de ofícios vis e pobres, exigindo a preparação através do noviciado, feita por onze meses aos sábados, após o qual havia a cerimônia da profissão.²⁹ Diferentemente dos terceiros franciscanos, estas carecem ainda de estudos monográficos o que nos faz relevar mais ainda o acervo de imagens provenientes dessas ordens leigas.

Tais associações tinham bens de raiz, apólices, dinheiro a juros bem como certos privilégios. Possuíam cemitérios de carneiras, cujas rendas lhes permitiam manter os rituais dentro de estrita pompa, inclusive no XIX.

3.1 Os leigos carmelitanos e os ritos quaresmais

O Compromisso do Carmo de Vila Rica, datado de 1755, fornece orientação precisa sobre a realização de festejos e procissões. Conferindo a abundante documentação da ordem juntamente com a obra completa do musicólogo Francisco Curt Lange para Minas Gerais, constatamos que ela fazia práticas espirituais nas quartas e sextas-feiras da quaresma, com via-sacra e coros de música; Procissão do Triunfo no Domingo de Ramos, à tarde; missa solene na manhã de Quinta-feira de Endoenças, com o Santíssimo exposto, e, à tarde sermão do Mandato e Lava-pés; Adoração da Cruz na tarde de Sexta-feira da Paixão, com Procissão do Enterro e sermão da Soledade, à noite; Ladainhas no Sábado de Aleluia à tarde; por fim, introduzidas tardiamente, a Procissão da Ressurreição com exposição do Santíssimo, no Domingo da Páscoa. Todas as funções mencionadas exigiam um ou dois coros de músicos. Em Vila Rica o conjunto de ritos permaneceu inalterado até o primeiro terço do XIX, deixando de ser cumprido parcialmente em virtude de obras dispendiosas no templo. Após o primeiro terço do oitocentos, quem lançou o contrato da música o fez de forma genérica para as *funções de costume*, sem especificá-las.

Jean-Baptiste Debret na *Viagem Histórica e Pitoresca ao Brasil* descreve a Procissão do Triunfo, feita no Rio de Janeiro na sexta-feira que precede ao Domingo de Ramos como exclusividade da Ordem Terceira do Carmo, com os seguintes andores: Jesus no Horto, Senhor da Prisão, da Coluna ou Flagelação, da Cana Verde, Cruz às costas, Crucificado “*com o rosto cercado de enormes raios dourados*” e Senhor Morto³⁰. A cada andor da Paixão, anjos caminhavam carregando os emblemas do martírio de Jesus. Nossa Senhora das Dores também participava. Após o cortejo, as imagens eram colocadas em seus pedestais, divididas em duas filas de cada lado da nave, para serem reverenciadas pelos

²⁹ No XVIII mineiro elas se estabeleceram com compromisso a partir de 1740, quando a sociedade encontrava-se bastante estratificada: São João del Rei (1740), Mariana (antes 1751), Vila Rica (1752), Tejuco (1758) e a do Vila do Príncipe, originada do desdobramento daquela do Tejuco em 1761, Sabará (1761).

³⁰Cf. DEBRET, Jean-Baptiste. Op. Cit. P. 41-2.

fiéis.³¹ Fora do calendário festivo as imagens permaneciam alojadas nos altares do templo.

Segundo frei Ortmann o mencionado triunfo é relativo a Lázaro (Jo 11,1-45), que ressuscitou exatamente na sexta-feira precedente ao Domingo de Ramos³². Em São Paulo, já no próprio XVIII, os carmelitas empregavam os andores com as invocações já citadas e coadjuvavam em suas procissões com os terceiros franciscanos. A referida iconografia pode ser observada nas igrejas dos carmelitas de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Campos e de Ouro Preto, embora não tenha se desenvolvido obrigatoriamente em todas ordens carmelitas.

A Procissão do Triunfo com andores cujas imagens da Paixão ainda estão nos altares laterais do templo carmelitano em Ouro Preto, desapareceu certamente na primeira metade do século XX. Já em 1755 era descrita: "(...) em que hirão os Sete Passos de Christo Senhor Nosso, pelas Ruas publicas da Villa, na qual hirão todos os Irmãos Terceiros com seus Hábitos, e brandoens, e não se admitirá nas Procissoens entre os Irmãos quem o não for" (cap.3, § 1). O cortejo obedecia a seguinte ordenação³³:

"Irmãos noviços, da Cruz da Ordem, até o primeiro Andor de Christo no Orto, ao pé do qual, hirá presidindo o Irmão mestre, compondo, e governando os seus noviços. (cap. 33, § 2)

E a este primeiro Andor, se hirão seguindo os mais por sua ordem, até o Andor Passo do Christo Crucificado; entre cada Andor, hirá hum Irmão deputado pela Meza, dos mais beneméritos, e prudentes, para compôr as allas, e Andores, para que vá tudo com boa Ordem; e estes Irmãos Levarão por in figura huma vara da groçura de huma vella de livra, e mais comprida hum palmo, tinta de branco, em sima pintada, as Armas da Ordem. E adiante do Andor do Senhor do Orto, hirá o Anjo do Triunfo, com seu Estandarte Roixo, e dous Anjos mais que o acompanharão aos lados, com as insignias daquelle Passo, os quaes Anjos darão os Irmãos, Irmans Terceiras, sem que no seu ornato levem ouro, nem joiás, excepto o Anjo do Triunfo, em que se permite todo o luzimento, e o Sétimo Andor de Christo Crucificado, há de prezidir, e governar hum Irmão, que tinha já sido Prior na Ordem e na sua falta, superior, e faltando este, será hum que tenha servido de Secretario, ou Definidor." (idem, § 3)

Seguirá o ultimo Andor do Senhor Crucificado, o Santo Lenho de baixo do Páleo, e as varas deste, levarão os Irmãos Terceiros, dos mais principaes da Ordem, e diante do Paleo seguirão os officiaes da Meza; adiante desta, os que servirão no anno antecedente, com a mesma Ordem, e precedência que devem observar, e a estes dara a Meza actual, brandoens, para hirem nas Procissoens, acabados os entregarão, e hirão nesta como nas demais Procissoens, os coros de muzica que a Meza eleger, conforme sua possibilidade: cada coro, no lugar que lhe competir". (§ 4)

³¹ A Procissão do Triunfo também era feita durante o oitocentos em Salvador, só que no próprio Domingo de Ramos e pela ordem 3ª de São Domingos (cf. REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991, p. 68).

³² ORTMANN. Op. Cit. P. 121.

³³ APNSP, Estatutos da Ordem 3ª de Nossa Srª do Carmo, 1755.



Figura 4. Brasil, Bahia, Salvador, Capela da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência, andor de São Francisco das Chagas.

Na Reforma de *Estatutos da Ordem 3ª do Carmo de Ouro Preto* (1879), ela conservou, a procissão de Triunfo na tarde de Domingo de Ramos, Jubileu, missa cantada e *laus perene* na Quinta-feira Maior, e os *Actos da Paixão* na Sexta-feira Santa, com Procissão do Enterro, à noite. Contudo, já no início do século XX ela deixou de fazer tais ritos, realizando tão somente a festa da padroeira e ainda esta, com a simplificação dos novos tempos, pois não se fazia mais a contratação da música e do sermão, à parte.

Observe-se que no XVIII e XIX a ordem fez, com exclusividade para seus membros, algumas cerimônias que já eram feitas às custas de irmandades da matriz – Santíssimo e Senhor dos Passos. Para isso, foi constituindo vasto acervo de ornamentos riquíssimos de cor roxa, branca, encarnada e preta. Chegou possuir 28 forquilhas para descansar os oito andores (sete renovados em 1844), duas verônicas, seis bandeirinhas de tafetá com letreiros explicativos que levavam os anjos na procissão, 14 placas de pau pintadas (também com a finalidade de narrar o evento), um estandarte roxo do Senado Romano para meninos com as iniciais SPQR (*Senatus Populus Que Romanus* – O Senado E O Povo Romano), 28 sanefas de damasco roxo (quatro para cada andor), esquife com seus ornamentos, Senhor Morto, um pálio escuro franjado de ouro e prata, sete cruzes de madeira para via-sacra, 60 castiçais de madeira prateada, 83 castiçais pequenos de estanho, bem como os martírios³⁴.

³⁴ Sobre o Carmo de Ouro Preto cf. no APNSP: *Estatutos da Ordem Terceira do Monte do Carmo-1879; Inventário de Alfaias- 1754-1806; Inventário de Alfaias 1810- 1862, Inventário de Alfaias 1889- 1939.*

A Procissão do Enterro dos carmelitas ouopretanos geralmente contava com um ou dois coros próximos ao esquife do Senhor Morto, anjos e figuras à trágica representando os profetas e o centurião. Ela deveria seguir a mesma forma e ordenação consagrada pelo costume, os irmãos deveriam conservar o silêncio e a compostura, atrás dos quais iria

“Esquife com a Sagrada Imagem do Senhor Morto, o qual carregarão os Irmãos Terceiros sacerdotes muzicos que cantem os hús, os quaes hirão revestidos com alvas, e amitos, que lhe cobrião, e não havendo sacerdotes Irmãos, carregarão os Irmãos que a Meza determinar.” (§ 5)

O Esquife, hirá de baixo do Páleo, cujas varas levarão os Irmãos que tiverem servido na Meza, nos mayores lugares della e serão homens de boa qualidade; e atrás do Esquife, seguirá o Andor da Virgem Maria Senhora Nossa em sua Soledade ao pé da Cruz, com o Santo Sudário nas mãos, o qual Andor carregavão os Irmãos Terceiros, que tiverem servido na Mesa e diante deste Andor, hirá a Meza, com o Redo. Pe. Comissário, immediato a esta diante do Paleio, hirão os officiaes que tiverem servido na Meza no anno antecedente. (§ 6)

Levará esta Procissão, os Anjos que forem precisos (daí os gastos verificados com as amêndoas), vestidos correspondentes ao acto: Levará esta Procissão a muzica que for precisa. Ordenamos que os Irmãos Terceiros sacerdotes profeços, em todas as Procissoenz, e áctos da Ordem, serão obrigados a hirem com os seu hábitos, e occuparêm o lugar immediato aos Irmãos que servirão na Meza antecedente. E os mais Irmãos seguirâm em todas as Procissoenz, e actos da ordem, com a preferencia, conforme suas antiguidades nas proffiçoens...” (§ 7)

Apesar de não possuir documentação completa, observamos que o Carmo de Mariana, erecta por volta de 1751, também fazia com alteração de invocações a “*Procissão de Domingo de Ramos com o Triunfo do Sr. e Santos da Ordem*”, visto que não tinha aqueles andores todos, respectivos aos passos³⁵. Em Mariana ainda se faz a Procissão do Triunfo à tardinha do Domingo de Ramos, saindo de São Francisco, já que o Carmo ficou muito tempo em obras até o recente incêndio que lhe destruiu os altares da nave. Foi feito há poucos anos um jumento sobre um tablado com rodas, que transporta a imagem articulada de Cristo, vestida de capa púrpura, simulando a entrada em Jerusalém.

Conforme registro de 1758, o Carmo de Mariana também fazia a “*Procissão do enterro de Christo Senhor na noite da Sexta-feira Mayor*”³⁶. Nessa mesma ocasião, esses terceiros se queixavam de não possuir pálio nem santo lenho e tentavam proteger suas procissões da intromissão do cabido.

A ordem do Carmo do Tejuco (Diamantina) celebrava os Domingos da Quaresma e a Sexta-feira da Paixão - de manhã no templo, à noite com Procissão

³⁵ AEAM, Petições de 1758 e 1759, fls. 5-7. *Registro de Patentes da Ordem 3ª do Carmo de Mariana*, livro Q32.

³⁶ AEAM, Petição ao Bispo de 1758, fl. 5v. *Registro de Patentes da Ordem 3ª do Carmo*. Livro Q32.

do Enterro³⁷. Esta, com sermão e música, teve especificação regular de 1759 até 1831; a partir de então, não foi mencionada, em proveito da festa da padroeira, que, desde os primórdios, fora mais pomposa, envolvendo novena e o dia propriamente dito. Não encontramos imagens referentes à Procissão do Triunfo para a solenidade no Tejuco e no Serro.

O Carmo de São João del Rei não conta com documentação completa. Ainda assim, acreditamos que tenha feito as procissões próprias dessas agremiações através da análise da imaginária restante, pois conserva na sacristia imagens do Cristo da Coluna, da Prisão e Morto. Ainda hoje se faz a Procissão do Triunfo (do Cristo) no Domingos de Ramos à tardinha, saindo da Capela do Rosário em direção à matriz do Pilar, com andor de Cristo, imagem de fatura recente, com capa encarnada.

Em Sabará, a ordem terceira do Carmo realizava a Procissão do Triunfo no Domingo de Ramos, missa solene com exposição do Santíssimo na Quinta-feira Santa, Procissão do Enterro na Sexta-feira da Paixão com sermão alusivo, Matinas no Sábado de Aleluia, missa cantada com sermão no Domingo da Ressurreição. A devoção à Paixão era tão importante para os carmelitas sabarenses que eles edificaram, no início do XIX, capelinha denominada de Passo do Calvário, ao lado do próprio templo.³⁸

São João del Rei foi a localidade que melhor manteve suas tradições, conservando-se indiferente à Reforma litúrgica da Semana Santa datada de meados do século XX, introdutora do vernáculo nas celebrações. Pelo novo *Ordo* todas as funções da Semana Santa poderiam ser celebradas com rito solene ou com rito simples. O solene exige a presença de três ministros sacros. Para o simples, basta o celebrante coadjuvado por leigos ou coroinhas devidamente preparados. São João Del Rei ainda faz, com rigorosa pompa e recolhimento, ritos totalmente esquecidos em outros lugares, como: as rasouras, curta procissão ao redor das respectivas Igrejas do Carmo e de São Francisco, no IV Domingo da Quaresma pela manhã; as três Procissões de Encomendação de Almas, com paradas em cemitérios, encruzilhadas e cruzeiros e, finalmente, portas de igrejas, à meia noite de Sextas-feiras da Quaresma, com os motetos da Paixão de Martiniano Ribeiro Bastos (1835-1912), fundador da Orquestra do mesmo nome. Já no XIX, a Encomendação de Almas tinha assimilado o vernáculo e tom lamentoso, que foram substituídos pelos motetos em latim, idênticos aos das vias-sacras e Procissão do Encontro. Com a Orquestra Ribeiro Bastos, houve estímulo no sentido de se recuperar a feição erudita.

³⁷ LANGE, Francisco Curt. *História da Música nas irmandades do Arraial do Tejuco e Vila do Príncipe*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1983. pp. 253-309.

³⁸ ÂNGELO, Rosana F. *A Venerável Ordem 3ª de Nossa Senhora do Carmo de Sabará*. Belo Horizonte, Dissert. de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais-CNPq- Depto. De História. 1999.

À religiosidade barroca era indispensável recorrência às artes plásticas, armações de cenário e teatro litúrgico, visando dar figuração precisa às passagens bíblicas e ao relato dos Passos da Paixão e vida dos santos. O imaginário barroco levou ao máximo a tendência a representar com muito naturalismo o sofrimento. No redimensionamento das práticas religiosas promovido pelo Concílio de Trento, os padres tiveram que considerar a forte tradição popular de se cultuar o drama da Paixão e, nesse sentido, ao invés de se restringir o abundante número de imagens alusivas ao sofrimento de Jesus, a tendência geral na Época Moderna foi em desdobrá-las. Tais obras dotadas da capacidade de predispor sentimentos atingiram grande difusão no Brasil Colonial, apoiada na tradição devocional dos colonizadores e na própria legislação tridentina.

Irmandades do Santíssimo Sacramento:

5 Domingos quaresmais	Sermão, música e Procissão de Passos
Quarta-feira de Cinzas	Sermão, Missa Solene e Ofício de Imposição das Cinzas*
Domingo de Ramos	Procissão de Ramos*
Quarta-feira Santa	Ofício de Trevas
Quinta-feira de Endoenças (início do Tríduo Pascal)	Missa Solene (rememoração da instituição do Sacramento da Eucaristia, do Sacerdócio e do Crisma), Lava-pés com Sermão do Mandato do Amor Fraternal, Desnudamento dos Altares, Procissão interna, Adoração do Santíssimo Exposto*
Sexta-feira da Paixão	Adoração da Cruz com Impropérios às 15 horas* Descendimento c/ sermão da soledade e Paixão Vigília do Sepulcro (imagem do Sr. Morto)
Sábado de Aleluia	Benção do Fogo Novo e do Círio Pascal Missa Solene com <i>Exultet</i> , Glória especial*
Domingo da Páscoa	Missa Solene, Sermão com Procissão da Ressurreição*

Irmandades do Senhor dos Passos:

Durante a Quaresma	Passinhos Setenário das Dores
Sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos	Procissão do Depósito da Virgem
Sábado, anterior ao Domingo de Ramos	Procissão do Depósito de Cristo
IV Domingo da Quaresma	Solene Procissão do Encontro (A) Senhor dos Passos no (B)
	Crucifixão (em cooperação com o Ssmo. Sacramento)

Sexta-feira da Paixão	Descendimento da cruz (em cooperação) Procissão do Enterro: figuras à trágica e martírios
-----------------------	--

Cordão dos Pardos de São Francisco:

I Domingo da Quaresma	Procissão da Penitência com Santo Lenho
5 Domingos da Quaresma	Prática Espiritual Exercícios Espirituais Visita (procissão) dos Passos Encomendação das almas dos irmãos defuntos

Ordem Terceira de São Francisco da Penitência:

segundas, quartas e sextas-feiras da Quaresma	Exercícios Espirituais
Quarta-feira de Cinzas	Procissão da Penitência
IV Domingo da Quaresma	Rasouras com <i>Miserere</i>
Quinta-feira de Endoenças	Lava-pés, com Sermão do Mandato Missa solene, com Adoração do Santíssimo*
Sexta-feira Santa	Adoração da Cruz* Sermão da Paixão Sermão da Soledade

Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo:

quartas e sextas-feiras da Quaresma	Exercícios Espirituais com via-sacra
IV Domingo da Quaresma	Rasouras
Domingo de Ramos	Procissão do Triunfo
Quinta-feira de Endoenças (início do Tríduo Sacro)	Missa Solene* com <i>laus perenis</i> = louvor perene Lava-pés Sermão do Mandato Santíssimo Exposto à Adoração dos fiéis*
Sexta-feira da Paixão	Adoração da Cruz* Sermão da Paixão Sermão da Soledade Procissão do Enterro
Sábado de Aleluia	Ladainhas
Domingo da Páscoa	Procissão da Ressurreição, Benção do Santíssimo*

Paraliturgia = ao lado da liturgia

- **litúrgico**
- Caderno Iconográfico**